



Paisagem e Memória no Cariri Cearense: apontamentos de pesquisa

LEANDRO MACIEL SILVA*

O Cariri é identificado pelo governo do estado do Ceará como um “território de identidade” ou uma microrregião, sendo assim, uma subdivisão de uma Macrorregião de Planejamento (Macrorregião Sul).¹ Este pequeno ensaio tem como objetos de interesse as narrativas que construíram e constroem a “identidade caririense”, apropriando-se de documentos formulados ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, considerando experiência como a do político e naturalista João da Silva Feijó como também as memórias sobre as plantas medicinais do Cariri por vendedores do Mercado, na cidade do Crato.

Os relatos historiográficos apontam paisagens que são recuperadas e usadas como lugares de memória para construir discursos sobre a “identidade caririense”. Trata-se, portanto, de refletir sobre a relação entre natureza e cultura, que no caso do Cariri, está vinculada tanto à religiosidade quanto, e, principalmente, aos aspectos naturais. Como o Cariri foi narrado historicamente? Como as lembranças constroem paisagens do Cariri? Como é lembrada e construída essa identidade “natural” caririense, por jovens, adultos e idosos residentes da região? Quais imagens do sertão são construídas pelos moradores do Cariri? Que saberes construíram o Cariri?

O Cariri demonstra um potencial muito grande para o desenvolvimento desta pesquisa, por ser uma região marcada pelos aspectos naturais, base para o discurso de que o Cariri é o “Oásis do Sertão”; como também pela forte marca da oralidade, comum a muitos outros

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientando do Professor Dr. Marcos Fábio Freire Montyssuma. E-mail: leandro.macielsil@gmail.com. Bolsista da Capes.

¹ Outros órgão e divisões administrativas levam em consideração a “identidade caririense”, como: o Hospital Regional do Cariri, a Universidade Regional do Cariri (URCA), a atual Universidade Federal do Cariri, a Região Metropolitana do Cariri (que acrescenta dois municípios: Farias Brito e Caririaçu). Vale destacar que por vários momentos históricos houve a defesa da emancipação do Cariri do estado do Ceará, usando como justificativa a unidade e identidade local, que “destoaria” das regiões vizinhas. Essa identificação cultural e natural da região faz com que haja um conflito com os limites políticos geográficos dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco, porque a Chapada do Araripe abrange territórios nesses três estados. Identificação que possibilita também uma referência a um “Cariri” paraibano, pernambucano, em referência ao cariri cearense.

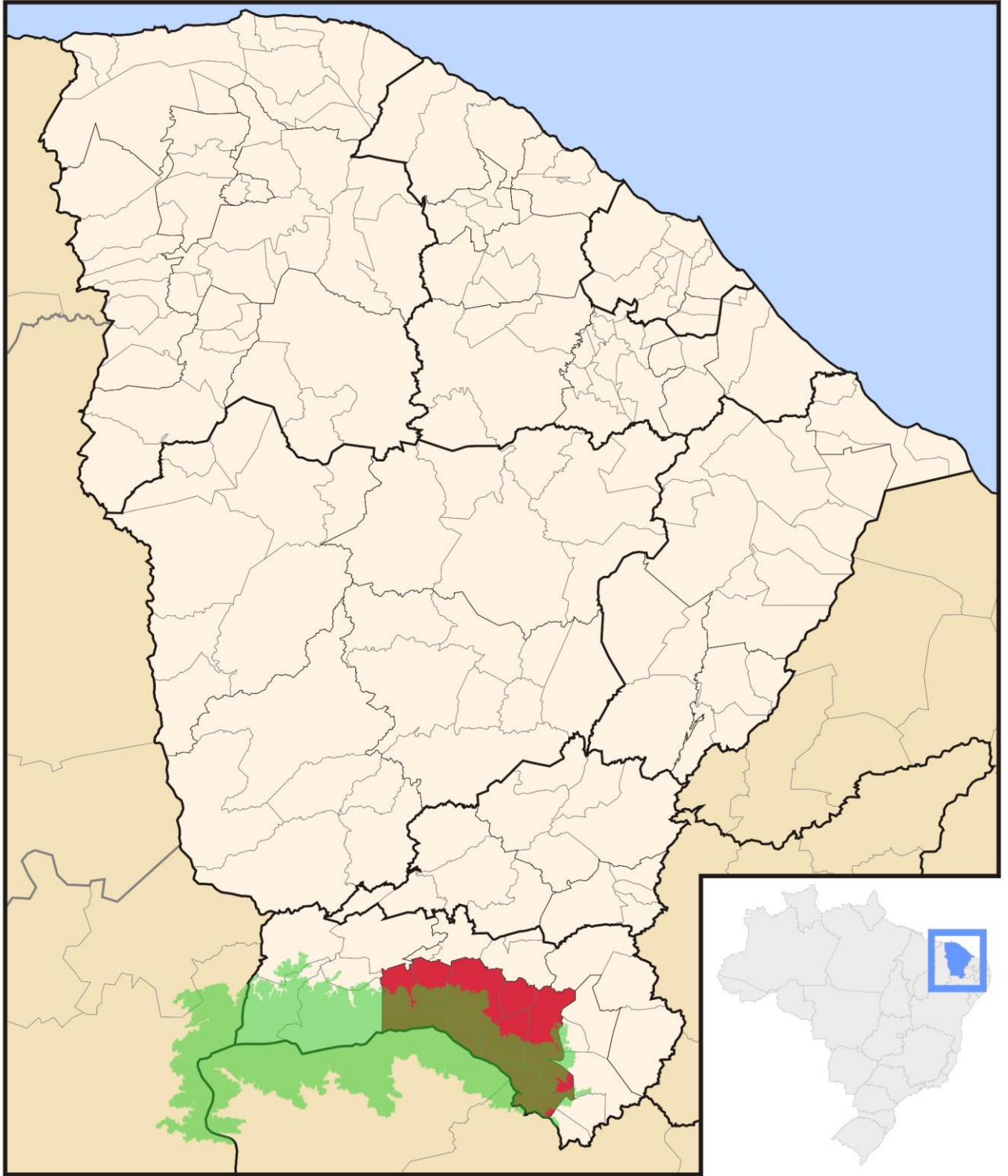
lugares do sertão nordestino.² Sendo assim, Natureza e Memória constituem a base para um estudo de história, que tenta problematizar uma narrativa sobre o Cariri, construída tanto pelos documentos e historiografia, quanto, e, principalmente, pelas memórias que perduram nas narrativas de moradores da região, que chegam até a contemporaneidade.

O Vale do Cariri é uma vasta área de mais de quatro mil km² localizada na microrregião do Cariri, Sul do Ceará. A sua população foi estimada em 2010 pelo IBGE em mais de 528 mil habitantes, distribuídos em oito municípios cearenses: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri. O vale é rodeado pela Chapada do Araripe, tendo como marco natural a Serra do Araripe, onde nasce o principal rio da região, o Rio Salgado. A Chapada do Araripe exerce uma influência não apenas climática, possibilitando um clima ameno e chuvas regulares numa vasta área do semiárido nordestino, mas também forma a paisagem visual da região, servindo de referência geográfica (orientação espacial), como também, influenciando nas lendas e mitos contados pelos seus moradores. Nesse sentido, o Cariri pode ser pensado pela História Ambiental, que tem por objetivo “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. (WORSTER, 1991, p. 200).

Ver mapa da região estudada:³

² A forte marca da oralidade no Cariri não destoa das outras regiões do Ceará ou do Nordeste. Tendo sido formado longe de grandes centros urbanos, como as capitais, e por ter se desenvolvido economicamente pela agricultura e pecuária, a cultura escolar e escrita encontrou pouco espaço para se desenvolver. No entanto, a oralidade demonstra todo o seu potencial cultural nas tradições religiosas, nos folguedos, nas cantorias, nas lendas, na literatura de cordel. Outros trabalhos acadêmicos demonstram o potencial da oralidade no Cariri: (SOUZA; SILVA; OLIVEIRA, 2012), (SILVA; CORDEIRO; MACEDO, 2012), (VIANA, 2011), (BEZERRA, 2011), (SEMEÃO, 2010), (CORTEZ, 2008).

³ Este mapa foi organizado a partir das informações do site do governo do estado do Ceará (www.ceara.gov.br) junto com os dados sobre a Chapada do Araripe disponibilizadas pelo Instituto Chico Mendes (ICMBio: <http://www.icmbio.gov.br>).



Legenda: ■ APA da Chapada do Araripe ■ Microrregião do Cariri

A abundância de águas consta nos primeiros relatos de viajantes e estudos científicos sobre o Ceará o Vale do Cariri e a Chapada do Araripe, sobretudo se tomarmos as outras capitanias (ou províncias) como referência. O político e naturalista João da Silva Feijó também não deixou de perceber os recursos hídricos da região. Ele esteve no Ceará em 1799 como sargento-mor de milícias e engenheiro da capitania, e escreveu no início do século XIX que “o Paiz dos Caririz, Termo da Villa do Crato, he tão fértil, que permite a cultura dos vegetaes em todas as estaçoens pela exuberancia de agoas de rega” (1997, p.370). George Gardner, botânico inglês, que visitou a região em 1838, constatou que a “riqueza da paisagem, tão diferente de quanto, havia pouco, houvera visto [...]”, admirou-se também com “a grande fertilidade desta parte do sertão” por causa de suas “numerosas fontes” (p.92 e 95). (SILVA, 2011)

Em 1856 foi constituída a Comissão Científica do Império, que realizaria a partir de 1859 pesquisas nas áreas da botânica, geologia, zoologia, geografia e da etnologia. Não por acaso os trabalhos da comissão começaram por uma das províncias que mais despertava o interesse do Império, a província do Ceará. A formação dessa equipe de trabalho deve ser entendida dentro das expectativas do Segundo Reinado e da formação do Estado Nacional brasileiro, bem como dos interesses de um dos principais órgãos do Império, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. A Comissão representou um desejo antigo de constituir um grupo de cientistas brasileiros, responsável por estudar o país.

Um dos argumentos que justificaria a escolha do Ceará para o início dos trabalhos da Comissão foi a crença de que a região continha riquezas naturais, notadamente, minérios e pedras preciosas. No entanto, o Ceará figurava no cenário político do Império como uma área de grande relevância política, pelo envolvimento nos movimentos revolucionários de 1817 e 1824, tornando a presença da Comissão numa representação do Império nas províncias do Norte, região do Brasil que precisava ser (re)conhecida e descoberta pelo Governo Central do Rio de Janeiro.

Como não encontraram pedras preciosas no Ceará, a Comissão apontou como os potenciais naturais da região os rios, as plantas, os animais e maneiras de beneficiamento das terras áridas do sertão para o fomento da agricultura e moradia.

É de grande destaque o interesse da Comissão pela região do Cariri, sobretudo porque ela seria um dos principais territórios de exploração dos aspectos naturais da província. O

relato do botânico Freire Alemão denota a expectativa pela chegada do grupo à vila do Crato. Pela demora na cidade do Icó, muitos viajantes saídos do Crato apresentaram antecipadamente as riquezas da terra, principalmente nos seus aspectos naturais. Aspectos que Freire Alemão não deixou de mencionar no seu diário de viagem, narrando desde a entrada na vila do Crato até a exploração da região pela Comissão e do seu contato com os moradores.

Com o advento da grande seca de 1877-79, muitos trabalhos dos membros da comissão foram recuperados para pensar a resolução dos problemas ocasionados pelas estiagens.

Os relatos de viajantes ao longo do século XIX construíram uma narrativa do Cariri pelo viés do olhar do outro, que estabelece uma relação de (re)conhecimento e comparação do Cariri com outras regiões. A natureza do Cariri foi tratada, sobretudo, pelo que lhe havia de mais peculiar: seu clima e abundância de água, principalmente por estar localizada na região semiárida do Norte do Brasil.

Para além de ressaltar as características peculiares do Cariri em relação ao Ceará, ao Sertão ou ao Nordeste, há nesses autores um desejo de conferir unidade à região, destacando para isso as características naturais mais proeminentes. Não por acaso, a Chapada e a Serra do Araripe são os marcos naturais de destaque, servindo tanto para a orientação geográfica do Cariri, como também, influenciando no clima e na fertilidade do solo. A pluviosidade e as nascentes que “brotam” da Chapada ou da Serra são sempre mencionadas, porque são características de grande relevância no semiárido nordestino.

A Região do Cariri, sobretudo as cidades de Juazeiro do Norte e Crato, possuem não apenas características naturais “peculiares” ao sertão, mas também uma diversidade história e cultural que faz da região uma das mais expressivas do Nordeste.⁴ Juazeiro do Norte, antes vilarejo da cidade do Crato, foi emancipada em 1911 sob influência do Padre Cícero Romão Batista, que foi o seu primeiro prefeito. Juazeiro do Norte, sob a influência de Padre Cícero, se tornou uma das principais cidades do sertão nordestino, atraindo ao longo dos anos grande

⁴ O Cariri também se destaca no cenário cultural pela diversidade de poetas e cantadores, festejos religiosos, romarias, folguedos, artesanato em madeira e barro, literatura de cordel, etc. Além do fenômeno religioso das romarias relacionadas ao Padre Cícero, que no ano de 2012 atraiu mais um milhão de pessoas a Juazeiro do Norte, outro momento histórico marcou o Cariri: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto foi uma comunidade religiosa formada pelo beato José Lourenço que foi devastada por tentar implantar no Cariri uma experiência comunitária semelhante a Canudos. Ainda poderia citar outros momentos históricos em que o Cariri esteve envolvido diretamente, como: Revolução de 1817, a Confederação do Equador (1824), a Insurreição do Crato (Pinto Madeira), a Sedição de Juazeiro (1914), etc.

contingente de devotos. A religiosidade proeminente de Juazeiro se estende por todo o Cariri, conferindo à região a referência de “terra santa”. Essa referência é compartilhada pelos moradores do Crato, cidade localizada no sopé da Chapada do Araripe, cujo clima e paisagem estiveram presentes nos relatos de viajantes ao longo do XIX, bem como em muitos outros documentos históricos.

Todas essas referências tanto históricas e políticas, quanto naturais e culturais, imprimiram uma forte relação de pertencimento nos moradores da região do Cariri.⁵ Suas vivências foram/são marcadas pelo discurso de que o Cariri é uma “região privilegiada por Deus”, tanto pelos aspectos naturais da região quanto por ter “enviado” Padre Cícero com sua mensagem profética. Natureza e religiosidade deram/dão aos moradores uma identidade compartilhada, sendo recorrente a defesa por uma “identidade caririense”.⁶

Projeções de pesquisa

O objetivo geral da pesquisa é investigar a construção e representação da paisagem do Cariri. Para isso, as entrevistas são as principais fontes de pesquisa para entender como História e Memória se relacionam para construção e representação desta paisagem. Como metodologia, são de fundamental importância as contribuições da História Oral, sobretudo para a preparação, realização e tratamento dos materiais gravados. A Psicologia Ambiental também está sendo pensada como suporte a análise das entrevistas, colaborando para o entendimento sobre a relação e representação dos espaços pelas pessoas e sobre como essas pessoas significam sua própria vida através dessa relação como lugar.

A presente pesquisa está sendo pensada e estruturada em momentos ou etapas,

⁵ O discurso sobre a importância da natureza no Cariri foi um dos fatores que contribuiu para a criação da Floresta Nacional Araripe-Apodi, em 1943. Hoje ela é um dos últimos redutos da Mata Atlântica, e é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Em 1997 foi constituída a APA da Chapada do Araripe, com 972.590,45 hectares, e desde 2006 o Geoparque Araripe compõe a Rede Mundial de Geoparques, reconhecido pela Unesco como sede de patrimônio geológico e paleontológico importante. É o único geoparque das Américas. (FONTE: ICMBio)

⁶ Os mitos e lendas da região também conferem valor à relação Natureza & Cultura e Paisagem & Memória, servindo para recompor imagens e lembranças compartilhadas sobre a região, seus moradores e suas histórias. (SCHAMA, 1996).

posteriormente organizadas em capítulos:⁷

O primeiro momento foi dedicado a realização das entrevistas. Foram entrevistadas 13 pessoas, entre 58 e 93 anos de idade, residentes da região do Cariri, que se dispuseram relatar sua história de vida e sua relação com a região. As entrevistas se mostraram profícuas para indicar e complexificar alguns temas que serão desenvolvidos no decorrer da pesquisa, como paisagem, território, fronteira, identidade, cultura popular, tradição, oralidade.

O segundo momento será dedicado a análise dos textos de João da Silva Feijó, Pedro Thebérge e Tomás Pompeu de Souza Brasil, buscando entender o processo de (re)conhecimento científico na territorialização do poder, do povoamento, e no mapeamento e classificação daqueles “dilatados sertões”. Também de investigar como o discurso historiográfico escreveu o Ceará, em especial o Cariri, buscando confrontar textos como o “Apontamentos para a história do Cariri”, de João Brígido, publicado no Diário de Pernambuco, em 1861; e o História da Província do Ceará, de Tristão de Alencar Araripe, publicado em 1867.

O terceiro momento de pesquisa tem como objetivo estudar os relatos de “viajantes” do Cariri ao longo do século XIX: George Gadner (1812-1849) e a Comissão Científica do Império do Brasil (1859 – 1864). O interesse principal é analisar as imagens construídas por esses “viajantes” e discuti-las com outra que se tornará a “imagem símbolo” do Ceará a partir da seca de 1877-79.

No quarto momento, dois institutos serão analisados, buscando os principais materiais para pensar o Cariri no século XX: o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, fundado em 1897 e o Instituto Cultural do Cariri, fundado em 1957.

O quinto momento foi pensado para dedicar uma análise das constituições de três estruturas políticas e administrativas sobre a natureza no Cariri: a Floresta Nacional da Chapada do Cariri - Apodi, em 1946; a Área de Proteção Ambiental da Chapara do Araripe, em 1997; e o Geopark Araripe, em 2006.

⁷ Uma informação importante é de que a presente pesquisa está sendo desenvolvida num programa de doutorado, tendo, portanto, quatro anos para o seu desenvolvimento. Ainda restam três anos para a conclusão. Muitos dos textos e materiais apontados são de acesso facilitado, amenizando as dificuldades da pesquisa, leitura e escrita do texto.

MAPAS DA CAPITANIA DO CEARÁ:

Capitania do Ceará; dividida pelo campo iluminado de cor. Fonte: AHE – RJ_ Série Nordeste_Sub-Série Ceará_Localização 02.04.363. In: Neto, Clóvis Ramiro Jucá. A urbanização do Ceará Setecentista: As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Salvador: UFBA, 2007.

Carta demonstrativa da Capitania do Ceará para servir de Plano a sua carta topográfica, organizada e delineada pelo Sargento-mor e naturalista da mesma capitania/João da Silva Feijó – 1810. Fonte AHE –218 RJ_Série Nordeste_Sub_série Ceará_Localização 02.04.363. In: Neto, Clóvis Ramiro Jucá. Idem.

Carta Topográfica da Capitania do Ceará que S.A.R. O Príncipe Regente/Nosso Senhor/Dedica/Luiz Barba Alardo de Menezes/Anno de 1812. Fonte: Mapoteca do Itamarati. In: Neto, Clóvis Ramiro Jucá. Ibidem.

Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacentes [Cartográfico] levantada em 1761 por João Antonio Galuci. Mapa ms.: col., desenho a nanquim; 58,5 x 85cm. Em f. 61,5 x 88. ARC.030,01,004 – Cartografia. Objeto digital: Cart249898. Disponível no sítio da Biblioteca Nacional Digital in: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart249898.jpg.

Mapa Geographicé da Capitania do Ceará [Cartográfico]. Amaral, Mariano Gregório do. [S.l.: s.n.], 1800. mapa ms: desenho a nanquim ; 44 x 49. ARC.025,02,009 – Cartografia. Objeto digital: Cart511693. Disponível no sítio da Biblioteca Nacional Digital in: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart511693.jpg.

PAULET, Antonio José da Silva. Carta da Capitania do Ceará levantada por ordem do governador Manoel Ignácio de Sampaio [Cartográfico] [S.l.: s.n.], 1818. [S.l.: s.n.], 1818. Disponível no sítio da Biblioteca Nacional

Digital:http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart249891.jpg

PAULET, Antonio José da Silva, 1778-1837 Carta da capitania do Ceará [Cartográfico] / levantada por ordem do Governador Manoel Ignacio de Sampaio por seu ajudante e ordens Antonio José da S. Paulet. [Rio de Janeiro]: [Arch. Militar], 1818. Biblioteca Nacional Digital (Brasil). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529227/cart529227.jpg

FEIJÓ, João da Silva. Carta topográfica do Seará a Mina do Salpetra descoberta no sítio da Tabajuba [Cartográfico]: na dist.a [distância] de 55 léguas da Villa da Fortaleza. Biblioteca Nacional Digital (Brasil). Disponível no sítio da Biblioteca Nacional em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart525963/cart525963.jpg

RELATOS DE VIAGENS OITOCENTISTAS:

GARDNER, George, 1812-1849. Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do Ouro e dos diamantes durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução, prefácio e comentários de Câmara Cascudo. 12a edição. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2003.

ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão – Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

Registro de Cartas, Ofícios, Avisos, Alvarás, Decretos, etc. do príncipe Regente 1802 a 1810. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC) - Fundo: Capitania do Ceará, Caixa 04;

Documentos avulsos da Capitania do Ceará – Arquivo Histórico Ultramarino, digitalizados. “Projeto Resgate: Barão Do Rio Branco” - (Abril de 1782 - Fevereiro de 1806);

OBRAS DE REFERÊNCIA:

ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

ARARIPE, Tristão Alencar de. História da Província do Ceará: Desde os tempos primitivos até 1850. 2a edição anotada. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1958.222

Correspondências de João da Silva Feijó compiladas por Geraldo Silva Nobre: NOBRE, Geraldo Silva. João da Silva Feijó: Um Naturalista no Ceará. Fortaleza: Grecel - Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1978.

HUMBOLDT, Alexander von. Quadros da Natureza, 1o volume. Prefácio de Haja Gabaglia. Trad. de Assis de Carvalho. W. M. Jackson Inc. Clássicos Jackson. vol. XXXIV, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

POMPEU, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. (2 tomos). Fortaleza: Typografia B. De Matos, 1863.

PRODUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DA REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ

ABREU, Capistrano de. Sobre uma História do Ceará. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XIII, 1899.

BRÍGIDO, João. A Fortaleza em 1810. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XXVI, 1912.

CASTRO, José Liberal de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Exército. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO CXI, 1997.

Documentos para a história do Governo de Bernardo Manoel de Vasconcellos (coleção Studart). Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XXVIII, 1914. História Pátria: Azevedo de Montauray e seu governo no Ceará, pelo Dr. Guilherme de Studart. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO V, 1891.

Descrição Geográfica Abreviada da Capitania do Ceará, pelo coronel de engenheiros Antonio José da Silva Paulet. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XII, 1898.

Memória sobre a Capitania Independente do Ceará grande escripta em 18 de Abril de 1814 pelo governador da mesma, Luiz Barba Alardo de Menezes. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XI, 1897.

NOGUEIRA, Paulino. O Naturalista João da Silva Feijó. In: Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANO II, TOMO II, 1888, p. 247-276. STUDART, Barão de. Uma Memória de João da Silva Feijó. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza: ANNO XXVI, 1912.

_____. A exploração das Minas de S. José dos Cariris durante o governo de Luiz Joseph Correa de Sá segundo a correspondência do tempo. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO VI, 1892.

_____. Geographia do Ceará. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XXXVII, 1923.223

SOBRINHO, Thomas Pompeu. Povoamento do Nordeste Brasileiro. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO LI, 1937.

WILLIAMS, Horace. O ouro no Ceará. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: ANNO XLVII, 1933.

VANDELLI, Domenico. Viagens Filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar. O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli. Dantes, 2008, pp. 93 – 158.

SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. Cartas sobre a educação da mocidade. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.224

BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de História Colonial. Rio de Janeiro: Briguiet, 1954.

_____. Sobre uma História do Ceará. In: Revista do Instituto do Ceará. TOMO XIII, ANNO 1899.

ALVES, Tereza. Paisagem: Em Busca do Lugar Perdido. Finisterra, XXXVI, no 72: 2001, pp. 67-74.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. 2 edição. Martins Fontes: Rio de Janeiro, pag. 245.

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito do Brasil dos viajantes. Revista USP, Dossiê Brasil dos Viajantes. São Paulo (30), junho/agosto de 1996. pp. 8 – 19.

BERQUE, Augustin. Cinq Propositions pour une théorie du paysage. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BEZERRA, Antonio. Algumas origens do Ceará. Fortaleza: Biblioteca Básica Cearense – Fundação Waldemar Alcântara, 2009. (edição fac- símile de 1918)

BRIGOLA, João Carlos. Domenico Agostino Vandelli: Um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil. In: O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli. Dantes, 2008, pp. 41-52.225

CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem: A Elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a Política Imperial. 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

CASSIRER, Ernst. A Filosofia do Iluminismo. 2a edição. Campinas: Unicamp, 1994. (1a edição 1933)

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

CROSBY, Alfred. Imperialismo Ecológico: A Expansão Biológica da Europa, 900-1900. Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrati. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEAN, Warren. A Botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. In: Estudos Históricos. Vol. 4, n.8. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1991. pp. 216-228.

_____. A Ferro e Fogo: A História e a devastação da Mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo: Alameda, 2005.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: Temas, fontes e linhas de pesquisa. In: Estudos Históricos. vol. 4, n. 8. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1991. pp. 177 – 197.

_____. Por que estudar a história ambiental no Brasil – ensaio temático. Varia história. n° 26. Minas Gerais, janeiro de 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso: Os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil. 2a edição. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (1aedição, 1959)

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7a edição. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2008. (1a edição, 1969).

_____. A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no College de France, 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola: São Paulo, 1996.

FRAGOSO, João [et al.], (orgs.). Na rota do Império: Eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006.

GAUER, Ana Maria Chittó. A Construção do Estado Nação no Brasil: A Contribuição dos Egressos de Coimbra. Curitiba, Juá: 2001.

GERBI, Antonello. O Novo Mundo: História de uma polêmica: 1750- 1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, José Eudes. As Milícias d'El Rey: Tropas Militares e Poder no Ceará Setecentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. Um escandaloso teatro de horrores: A Capitania do Ceará sob o espectro da violência. Imprensa Universitária/UFC: Fortaleza, 2010.227

HARTOG, François. Memória de Ulisses: Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Trad. de Jacyntho Lind Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HEIZER, Alda; VIEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). Ciência, Civilização e império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001.

NETO, Clóvis Ramiro Jucá. A urbanização do Ceará Setecentista: As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura. Salvador: UFBA, 2007.

_____. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. Anais do Museu Paulista: História e cultura material. Dossiê Caminhos da história da urbanização no Brasil Colônia. Vol. 20. n. 1. São Paulo. jan/junho 2012. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142012000100006&script=sci_arttext

_____. Desenhando o Ceará. Anais do 3o Simpósio Iberoamericano da História da Cartografia. Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana. São Paulo, abril de 2010. disponível em: <http://3siahc.wordpress.com/memorias/>

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-Rio, 2006.

KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução, prefácio e comentários de Câmara Cascudo. 12a edição. ABC editora: Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza, 2003.

KURY, Lorelai Brilhante. A Ciência útil em “O Patriota” (Rio de Janeiro, 1813-1814). Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124, jul/dez 2011.

_____. A Filosofia das viagens: Vandelli e a História natural. In: O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli. Dantes, 2008.

_____. Viajantes – naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. In: História, Ciência, Saúde, Manguinhos. Volume VIII. Rio de Janeiro: Casa de Osvaldo Cruz /

Fio Cruz. 2001. pp. 863- 879.

_____. Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

NOBRE, Geraldo da Silva. O Ceará Capitania autônoma: Fim do período colonial, situação política, econômica e cultural. Comunicação apresentada no Instituto Histórico do Ceará, 1987, pp. 85-97.

NOBRE, Geraldo da Silva. João da Silva Feijó, um naturalista no Ceará do Ceará. Fortaleza, Instituto Histórico do Ceará/GRECEL.

NOVAIS, Fernando. Brasil e Portugal na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808). 5a edição. Editora HUCITEC: São Paulo, 1989.

_____. O Reformismo Ilustrado Luso-Brasileiro: Alguns aspectos. Revista Brasileira de História. 1984, no 7, pp. 105-18.

PÁDUA, José Augusto. “Um sopro de destruição”: Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista, 1786 – 1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PATAÇA, Ermelinda Moutinho e PINHEIRO, Rachel. Instruções de Viagem para a Investigação científica do território brasileiro. In: Revista da SBHC. v. 3, n. 1. Rio de Janeiro, jan.-jun. 2005. pp. 58-79.

PINHEIRO, Francisco José. Notas sobre a Formação social do Ceará: 1680 – 1820. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.229

PUNTONI, Pedro. A guerra dos Bárbaros: Resistência indígena e Conflitos no Brasil Colonial. São Paulo: Hucitec, 2002.

RAMINELLI, Ronald. Viagens Ultramarinas: Monarcas, Vassalos e Governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008.

_____. Ilustração e Império colonial. História (São Paulo), Vol. 31, no 2. dezembro, 2012, pp. 36 – 67.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (1a edição 1993)

_____. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Paulo César dos. O Ceará Investigado: A Comissão Científica de 1859. Dissertação apresentada ao programa de Pós- graduação em História da Universidade Federal do Ceará

como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social. Fortaleza: 2011.

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHULTZ, Kirsten. Versalhes Tropical: Império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro (1808-1821). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau, O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismo e Cultura. In: Revista USP, Dossiê Brasil dos Viajantes (junho-agosto). São Paulo: USP, 1996.

SILVA, Clarete Paranhos da e LOPES, Maria Margaret. O Ouro sob as luzes: a arte de minerar no discurso do naturalista João da Silva Feijó (1760-1824). In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 3: set.- dez., 2004. pp. 731-750.230

_____. As viagens filosóficas de João da Silva Feijó (1760 – 1824) no Ceará. In: História: Questões & Debates, n. 47. Curitiba: UFPR, 2007. pp. 179-201.

STRAUSS, Claude Lévy. O Pensamento Selvagem. 8a edição. Campinas: Papirus Editor, 1985. (1a edição, 1962).

SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Palavras Loucas, Orelhas Moucas: os relatos de viagem dos Românticos Brasileiros. In: Revista USP, Dossiê Brasil dos Viajantes (junho-agosto). São Paulo: USP, 1996.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e A Cidade: Na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RUSSEL-WOOD, Alfred. Centro e periferia no mundo luso-brasileiro, 1500 – 1800. In: Revista Brasileira de História. No 36, vol. 18. 1998.

SILVA, Jane D. Semeão E. Revista “Itaytera”, Natureza e Cariri cearense: A (Re)Invenção de uma Identidade (1955-1980). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. In: Estudos Históricos. Vol. 4, n.8. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1991, p. 198-215.

_____. John Muir e a paixão moderna pela natureza. In: Revista Esboços. n. 13. Florianópolis: UFSC, 2005.